

DOSSIÊ *ANUÁRIO DE LITERATURA*

Stélio Furlan

Universidade Federal de Santa Catarina

Ho ripassato/ le epoche/ della mia vita./ Questi sono/ i miei fiumi./
Repassei/ as épocas/ da minha vida./ Estes são os meus rios.
(Giuseppe Ungaretti)

Percorrer os textos deste dossiê é em alguma medida folhear as páginas de uma memória acadêmica. Não é tarefa fácil avaliar o percurso de um periódico por meio de alguns rastros. E caberia lembrar aqui, considerando-se o lugar de onde se escreve, o termo *rastro* que evoca justamente, o movimento da *différance*: o rastro enquanto o que anuncia e difere. Os textos para o **Dossiê Anuário de Literatura**, uma das publicações do Programa de Pós-Graduação em Literatura, foram selecionados a partir da sua primeira denteição quando este periódico era então publicado somente em meio impresso. Lançado em 1993, o número inaugural contou com a participação de professores e alunos do Programa e manteve periodicidade anual até 2003. Após um hiato de quatro anos, ganhou formato eletrônico e periodicidade semestral, sendo disponibilizado desde 2009, pelo Portal de Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina, trajetória esta que o fez merecer, em 2012, o conceito B2 (Qualis/Capes).

Leio um artigo como um biografema. Com esta recolha, comemorativa dos vinte anos de existência do Periódico, tento fazer jus a todas as pessoas que tornaram possível a gestação, afirmação e continuidade deste importante replicador de pesquisas acadêmicas, que no primeiro semestre de 2012 contou com mais de quinze mil visitantes únicos sendo acessado por meio eletrônico não só desde Brasil, mas também desde Itália, Argentina, Canadá, China e Portugal. Dentre tantas possibilidades para realização desta selecta escolho como os lumes do bolo de aniversário Zahidé Lupinacci, Regina de Carvalho, Lauro Junkes, professores que atuaram no Programa e duas alunas do mesmo, Vera Bianco e Daisi Irmgard



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Vogel, que igualmente marcaram presença neste periódico. Antes de passar a apresentação do *corpus* deste dossiê, gostaria de agradecer ao artista plástico Juarez Machado que muito gentilmente permitiu que adotássemos uma das telas de sua mais recente exposição intitulada *Soixante-dix*, conjunto de quadros pintados em Paris, em 2011, como ilustração deste número festivo.

Lauro Junkes, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, publicou três ensaios neste periódico. Na prosa sedutora de um ensaísmo correntio, em *Exorcizando Fantasmas* (n. 4, 1996), põe em evidência uma leitura da obra de Cristovão Tezza cuja publicação de *Trapo*, segundo ele, se inscreve na vanguarda produtiva brasileira, ou ainda, no rol dos romancistas brasileiros de primeira linha por conta da estruturação estética da narrativa e pela densidade polifônica obtida. Em 1993, no número inaugural do *Anuário de Literatura*, brinda o leitor com uma profissão de fé, uma contração do ensaio *A Fragmentação da Plenitude*, defendido e aprovado no Concurso para Professor Titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina em 1992, no qual discorre sobre os conceitos de símbolo e alegoria, partindo de Schelling, Hegel e Goethe, Benjamin, para fazer uso desses conceitos-figuras à leitura arguta da poesia de Mario de Andrade. O segundo ensaio, que acredito ser o que alcança maior densidade teórica, discorre com maestria sobre o processo de alegorização em Walter Benjamin. Lançado em 1994, no segundo número deste periódico, embora lidando com um referencial teórico dificultoso, dada complexidade da teorização benjaminiana, o autor condiciona o olhar do leitor a compreender que, do ponto de vista estético, a afirmação da alegoria sobre o símbolo é também uma estratégia discursiva para uma leitura da condição humana em plena modernidade.

Regina Carvalho, que atuou como professora de Literatura Brasileira, com o ensaio *Mexendo em Casa de Marimbondos: a MPB conta sua história*, lançado no primeiro número do *Anuário de Literatura* (1993), chamou a atenção para um viés de leitura no campo da música popular cuja condição de possibilidade solicita a atenção de quatro critérios: melodia, arranjo, letra e interpretação. Seu artigo aposta num viés mais temático, detendo-se mais nas letras das composições, embora observe também alguns aspectos de melodia, arranjo e interpretação na obra de João Bosco, sem deixar de pontuar, a partir da bibliografia então consultada, que a música brasileira ganha forma, conteúdo, novos instrumentos e um conceito de elaboração a partir da Bossa Nova.

Não poderia deixar de rememorar o esforço de quem atuou diretamente na gestação do primeiro número, no caso, na qualidade de editora-chefe e depois como membro integrante do

conselho editorial deste periódico. Por conta disso, trago à baila o texto de Daisi Irmgard Vogel (que hoje atua no Curso de Jornalismo, UFSC), no qual a então mestrande centra o foco da atenção na crônica machadiana em um fluxo textual que ela considera semelhante ao de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ou de *Quincas Borba* (n. 2, 1994), compreendendo-a como espaço textual de maior imediatez de elaboração do tempo e, portanto, como território dramático onde se deparam a velocidade e seus conflitos. O texto ganha densidade teórica ao incorporar a noção bakhtiniana de *cronotopo* compreendido aqui enquanto um entrelaçamento das relações temporais e espaciais artisticamente assimiladas em literatura.

À sua vez, Zahidé Lupinacci Muzart colaborou com dois artigos, a saber, *A questão do cânone* (n. 3, 1995) *Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX* (n. 4, 1996). Escolho o segundo, por melhor definir a paixão necessária para uma tomada de posição com vistas à afirmação de um modo de ler a literatura e a cultura. E em consequência, o que melhor delineia um perfil acadêmico. A autora registra os passos iniciais de sua pesquisa reveladora de toda uma profusão de escritoras que embora tenham sido esquecidas ou silenciadas a margem no *cânone* ganha agora visibilidade em fina estampa. Com a escolha deste ensaio mais não se deseja do que evidenciar um investimento discursivo entremeado com uma práxis político-acadêmica, que se volta não só ao resgate das escritoras dos séculos passados, mas também para o repensar das relações de gênero, cuja relevância tem se materializado por meio de um dos maiores eventos mundiais sobre o assunto, o *Fazendo Gênero*, em cuja última edição, sempre realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, convém mencionar, congregou mais de quatro mil participantes presenciais.

E, fechando a recolha de textos, a então doutoranda Vera Lucia Bianco publicou no sexto número *A angústia como forma de leitura: os dilemas (dos) intelectuais* (1998). Se em 1994, em artigo publicado neste periódico, o seu interesse estava voltado para as *Razões de uma Poesia* atenta à discussão dos conceitos fundamentais da poesia de Giuseppe Ungaretti (entre os quais cita a inocência, a memória, a fantasia e a tradição, permeados pela noção de tempo, elemento indispensável para entender a questão da língua, do uso e das escolhas que o poeta faz das palavras e que resultam em poesia), no ensaio escolhido para republicação, a autora dialoga com um texto de Walter Mignolo intitulado *Posoccidentalismo: las epistemologias fronterizas y el dilema de los estudios(latinoamericanos) de áreas* (Revista Iberoamericana, 1996), privilegiando a questão da produção do saber e do lugar onde se produz esse saber, bem como da comunidade de recepção do texto. O artigo culmina dissertando sobre a necessidade de uma reconfiguração das categorias geoculturais e

epistemológicas que impuseram ou propuseram um sentido ao nosso mundo no contexto ocidental.

Todo periódico acolhe um ar do tempo, registra fragmentos do vivido. E por isso mesmo convida ao encanto numeroso das leituras. Esta pequena recolha abre-se como arquivo no qual se revela um Curso de Mestrado em demanda por transformar-se em Programa de Pós-Graduação. Um arquivo que nos oferece, por meio dos rastros grafados em boa tinta, um acervo de afinidades eletivas, um panorama das diferentes tomadas de posição, elementos identificadores de um vigoroso corpo de agentes. Nesse sentido, considerando-se o conjunto dos textos selecionados, mais do que atestar o sabor da novidade dita com o rigor acadêmico das publicações, esta recolha pode ser lida como um indicador das diferentes vertentes teóricas que, sedimentadas ao longo do tempo, consolidaram o Programa de Pós-Graduação em Literatura: um bom convite à reflexão sobre o que fomos e o que nos tornamos e o que desejamos.

